V ENALLI
ENCONTRO NACIONAL
DE LÍNGUA E LITERATURA
CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO
UNIVERSIDADE FEEVALE

AS DINÂMICAS EM SALA DE AULA COMO ELEMENTO DESINIBIDOR, POR MEIO DO LÚDICO, NAS PRÁTICAS DOCENTES

Kátia Beatriz Möller de Castro (Feevale)[1];
Maristela Leila Bauer Zimmermann (Feevale)[2]; Marinês Andrea Kunz (Feevale)[3]

RESUMO
A necessidade de agregar pessoas em um grupo heterogêneo, ainda a ser formado, depende de fatores relevantes, que não podem deixar de ser pontualmente identificados e explorados, a fim de que haja, sem deixar de respeitar as particularidades dos participantes, plena integração. O presente trabalho dirige seu foco para o lúdico como ferramenta de trabalho a ser usada nas práticas docentes como desinibidor e, consequentemente, propulsor de uma participação mais atuante dos alunos nas atividades propostas. Faz-se necessário, ainda, que se estabeleça um vínculo por meio de uma relação de confiança entre professor e alunos, para garantir a efetividade do aprendizado. Uma vez que as oficinas realizadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBD) acontecem no contraturno escolar, não há uma familiaridade dos alunos da escola com os bolsistas, que precisam então desenvolver todo um trabalho para tornar as oficinas atrativas, por meio de práticas pedagógicas minunciosamente pensadas. Objetiva-se, com o emprego de tais práticas, trazer os alunos para a posição de sujeito da ação de aprender, conforme preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Jocelyne Giasson, em *A compreensão na leitura*, aponta para as estruturas que envolvem o leitor e seu papel, quais sejam cognitivas ou afetivas, sendo estas as que detalharemos e que contribuirão para o sucesso daquelas. Este trabalho é resultado das práticas docentes nas oficinas do PIBID, aliadas a embasamento teórico partindo de autores como Bakhtin, Tatagiba, Filártiga e Giasson. Foram utilizadas em nossas oficinas variadas dinâmicas, as quais, dentro de uma perspectiva construtivista promoveram a integração social, assim como vieram ao encontro das demandas do grupo, que se constituía de alunos com perfil introvertido. Firmando-se assim os vínculos afetivos e verificou-se uma maior integração entre os alunos. Através dos resultados observados, constatou-se que as o uso de dinâmicas de grupo contribuem para a desibinição dos alunos, estimulando assim, um melhor aproveitamento das propostas de ensino-aprendizagem.
Palavras-chave: Dinâmicas. Desinibição. Lúdico. Práticas docentes. PIBID.

[1] Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Feevale e bolsista PIBID de Letras.
[2] Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Feevale e bolsista PIBID de Letras.
[3] Dr. em Teoria da Literatura (PUCRS), pesquisadora e professora do Curso de Letras e do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

1 A IMPORTÂNCIA DAS DINÂMICAS

Conhecer o público com quem vai se trabalhar, formado por um grupo heterogêneo, pode constituir um desafio a ser superado, para tanto, é necessário que se definidam estratégias, a fim de poder identificar e melhor explorar as particularidade do grupo, para que as atividades propostas resultem em êxito. Descobrir tais particularidades é condição *sine qua non* para definir o sucesso em atividades de leitura, uma vez que se trata de conhecer o funcionamento de cada grupo, conforme Maria Carmen Tatagiba e Virgínia Filártiga (2001, p.13), "cada grupo produz uma dinâmica própria, única e intransferível".

Durante as práticas nas oficinas do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Letras, perceberam-se dificuldades por parte dos alunos na aprendizagem dos conteúdos escolares. Como o projeto funciona no contraturno escolar e os alunos inscrevem-se e participam por vontade própria, havia a preocupação em tornar atrativas as oficinas, a fim de que não se tornassem apenas atividades de reforço. Para além disso, havia a questão de integrar o grupo entre si e aos acadêmicos bolsistas do projeto. Tarefa que representava, inicialmente, o maior desafio, uma vez que os alunos vinham de turmas diferentes e os bolsistas não tinham um contato prévio com estes.

A fim de que o professor obtenha êxito nas tarefas propostas, precisa saber ousar, planejando aulas criativas, dinâmicas, que despertem o interesse dos alunos e mantenham a interação professor/aluno. O que representa um grande desafio, por faltar a alguns docentes a noção de como abordar essas questões, resultando em muitas desistências da profissão ou no não desenvolvimento de atividades pedagógicas adequadas. Objetiva-se, ao empregar tais práticas, trazer os alunos para a posição de sujeito da ação de aprender, conforme preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

A estratégia escolhida foi o uso, no início das oficinas, de dinâmicas de grupo. Estas cumpririam um duplo papel, o de preparar as atividades de leitura, auxiliando na inferência dos estudantes sobre o que seria trabalhado, e ainda serviriam como elemento desinibidor e integrador do grupo. Jocelyne Giasson, em *A compreensão na leitura*, aponta para as

estruturas que envolvem o leitor e seu papel, quais sejam cognitivas ou afetivas, sendo estas as que detalharemos e que contribuirão para o sucesso daquelas.

As muitas transformações ocorridas no sistema de ensino ao longo dos anos, e que trouxeram consigo mudanças na estrutura das aulas, fizeram com que o professor, que até então era quem impunha os conteúdos de forma autoritária, se adaptasse à nova realidade. Hoje os alunos não podem e nem querem mais, embora ainda se encontre tais modelos reproduzidos na atualidade, a condição de meros ouvintes e depositários de conceitos impostos pelos professores. Há que se criar um ambiente em que haja interação entre os sujeitos que ocupam este lugar de troca e de compartilhamento de saberes que é a sala de aula. Esse compartilhamento estabelece uma via de duas mãos, que resulta em uma maior aproximação entre os agentes envolvidos e cria laços de reciprocidade. Tais laços desenvolvem-se, indubitavelmente, por meio da palavra, seja ela escrita ou oral.

A palavra, em qualquer sociedade, seja esta letrada ou não, é elemento agregador dos sujeitos, promove a comunicação e, conforme a afirmação de Bakhtin:

> a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da via cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (BAKHTIN, 2006, p. 42).

Como objetivo primeiro elenca-se a necessidade, inicialmente mencionada, de integrar o grupo, esclarecendo que tal integração servirá como ferramenta auxiliar nas atividades propostas nas oficinas PIBID, caracterizando-se então em um meio para atingir um fim específico. Nas oficinas são trabalhados os mais variados gêneros textuais sem, porém, simplesmente jogá-los sob os olhos dos alunos, o que absolutamente não lhes despertaria o interesse. É necessário suscitar no aluno o interesse pelo texto, convidá-lo ao aprendizado, preconiza Jocelyne Giasson, em *A compreensão da leitura*, destacando aspectos importantes a considerar, como “as estruturas do sujeito e os processos de leitura que ele utiliza” (2000, p.21). Muitos são os elementos constitutivos de um leitor, tais como

conhecimentos, atitudes e sentimentos, e relacionam-se aos movimentos cognitivos que este faz quando da leitura.

As estruturas que constituem um leitor, para Giasson, podem ser cognitivas ou afetivas. Aquelas, as que envolvem o conhecimento de língua e de mundo, ativadas pelo leitor para atribuir sentido ao texto quando do ato de leitura, que terá um melhor aproveitamento dependendo dos conhecimentos prévios do educando. As afetivas, e aí novamente salienta-se a importância da integração de um grupo por meio das dinâmicas, envolvem os interesses e sentimentos do leitor que, durante a leitura, manifestam-se representando relevante papel para a construção de sentido do texto.

Além das estruturas destacam-se os processos (GIASSON, 200, p.32), ou atividades cognitivas do leitor, distribuídos em cinco categorias: microprocessos (nível das palavras); processos de integração (conectores, referentes, inferências – frases); macroprocessos (ideias principais, resumo, estrutura textual – nível do texto); processos de elaboração (raciocínio, resposta afetiva, imagens mentais, relação com o conhecimento) e, por fim, os processos metacognitivos (identificação e reparação da perda de compreensão).

A construção de sentido que resultará na compreensão, que não consiste apenas em transpor o texto para a mente do leitor, ao contrário, este é quem construirá dotará de sentidos a leitura, considerando seus sentimentos e conhecimentos. Daí a importância de atividades não só de pré-leitura, como integratórias, a fim de que os estudantes possam ativar sua “bagagem” de experiências.

Anterior à introdução do conteúdo o professor pode ativar conhecimentos prévios do aluno, ou despertar seus sentimentos para determinados temas a ser abordados. Ou seja, preparar o terreno para que as sementes a serem plantadas brotem e cresçam, resultando em estudantes predispostos para a aprendizagem.

Com objetivos definidos e projetando o resultado a que se queria chegar, a opção pelo uso de atividades de pré-leitura, mais especificamente as dinâmicas de grupo, justifica-se. Afinal, a definição de dinâmica de grupo:

> Dinâmica é uma ferramenta utilizada em atividades de estudos para uma ou mais pessoas, ou seja, pode ser um grupo. Elas interagem entre si ou com o meio em que se encontram. Há uma sociabilidade nas relações e processos a serem desenvolvidos (TATAGIBA; FILÁRTIGA, 2001, p. 21).

Há previsibilidade na formação de cada grupo, conforme Maria Carmen Tatagiba e Virgínia Filártiga (2001), independente de onde esses grupos se formem. Tal ocorrência pode se dar na escola e, desses grupos, podem formar-se subgrupos, em que seus membros assumem um papel na dinâmica global, influenciando-se mutuamente, em um movimento coletivo-individual.

As dinâmicas de grupo atuam sobre este movimento como agentes de integração e de diagnóstico de demandas. O que possibilita aos integrantes do grupo e ao professor conhecer melhor àqueles com quem deverá desenvolver um trabalho exitoso. Tais benefícios estendem-se desde os aspectos emocionais até os cognitivos, o que na opinião das autoras agrega a participação e o trabalho coletivo em uma perspectiva construtivista. Perspectiva esta embasada nos estudos de Will Schutz, que diz que “no desenvolvimento grupal existem três zonas de necessidades interpessoais: Inclusão, controle e abertura.” (TATAGIBA; FILÁRTIGA, 2001, p.25).

A fase da Inclusão foi constatada, segundo nossa percepção, quando da integração dos participantes durante as práticas nas oficinas. “Para o funcionamento do grupo é fundamental que a necessidade de inclusão dos participantes seja satisfeita.” (idem ibidem, p.22). A fase denominada de Controle, em que o grupo ressignifica o conhecimento por meio da passagem de etapas como conflito, competição, liderança, negociação e tomada de decisões também pode ser constatada durante as atividades em que se fez necessária a divisão de responsabilidades. Na fase de número três, a Abertura, que se caracteriza pela integração emocional, há uma maior liberdade por parte dos integrantes para que expressem suas emoções e sentimentos. Isso ocorre devido a uma natural identificação tanto afetiva quanto emocional, momento em que são instituídos, de acordo com a intensidade da afetividade, alguns vínculos.

2 COLOCANDO EM PRÁTICA

Como metodologia, inicialmente, houve a busca por referenciais teóricos que viesse ao encontro da ideia de que o processo dinâmico é capaz de preparar os alunos para que haja uma melhor inferência sobre os temas propostos. A seguir a aplicação das dinâmicas, sempre explicando ao grupo sobre seu funcionamento. Finalmente, houve a análise dos resultados obtidos, confrontando-os com os das oficinas em que não foram propostas atividades lúdicas.

Partindo do pressuposto de que "o ser humano nasce e vive em grupos durante toda a sua existência. A vida em grupo oportuniza um universo de experiências para o desenvolvimento e crescimento das pessoas a partir da descoberta de si mesmo e dos outros." (TATAGIBA; FILÁRTIGA, 2001, p.13), sempre se buscou o respeito tanto à identidade do grupo quanto às referências individuais.

Durante as oficinas foram executadas diferentes dinâmicas como, por exemplo, a que segue.

Dinâmica dos balões: utilizaram-se balões coloridos, contendo pequenos pedaços de papel com perguntas que revelassem características dos participantes, promovendo, dessa forma, a socialização do grupo. Em se tratando da primeira atividade com o grupo de alunos, optou-se por algo que servisse como elemento desinibidor, um *warm up,* ou seja, uma técnica utilizada pelos professores como um aquecimento para a aula. Esse termo designa, nas aulas de inglês, atividade curta que prepara (aquece) para uma atividade mais longa e complexa.

Enquanto ouviam música, os participantes jogavam de um lado para outro os balões; ao parar a música, quem tivesse na mão um balão estourava-o, lia a pergunta e respondia, apresentando-se aos demais. As perguntas abordaram nome e hobby; nome e último filme assistido; nome e último livro lido; nome e música/estilo musical de sua preferência; nome e se costuma ir ao teatro ou ao cinema.

Constatou-se, por meio de perguntas diretas aos alunos, haver uma maior motivação nas oficinas em que eram propostas as dinâmicas. Consequência da retomada de seus sentimentos e ativação de seus conhecimentos prévios, o que possibilitou que tais atividades se constituíssem em instrumentos agregadores de saberes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reavaliar as ações do grupo docente durante o período, percebe-se claramente que houve êxito com a utilização das dinâmicas como instrumento propulsor de motivação e estímulo. O que ressalta o quão relevante é a preparação para as atividades de sala de aula, a afim de que venham a contribuir para a construção do conhecimento, por meio do fazer coletivo e da utilização do lúdico.

A preocupação com a integração do grupo, além da ativação de conhecimentos prévios são questões que devem ser agregadas quando da elaboração dos planos de aula, por profissionais da área da educação comprometidos em instigar seus alunos e manter seu interesse pelas atividades propostas. Reafirma-se aqui a importância da utilização das dinâmicas de grupo em sala de aula como contribuição para a integração dos participantes, além da construção do conhecimento de forma prazerosa e instigante.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2006.

GIASSON, Jocelyne. **A compreensão na leitura.** Lisboa: Edições ASA, 2000.

TATAGIBA, Maria Carmem; FILÁRTIGA, Virgínia. **Vivendo e Aprendendo com grupos**. Uma metodologia construtivista de dinâmica de grupo. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANEXO